



Produção
dos alunos
de Jornalismo
da ESPM-Rio
2019.2

EDITOR RESPONSÁVEL
Profa. Angelina Nunes

EDITORES
Prof. Pedro Curi
Prof. Leonardo Mancini
Prof. Guilherme de Freitas
Prof. Simplício Neto
Profa. Silvia Borges
Prof. Vinicius Carvalho

EDITORA DE FOTOGRAFIA
Profa. Ana Lúcia Araújo

COORDENAÇÃO
DE PROJETO GRÁFICO
E DIAGRAMAÇÃO
Profa. Vera Lopes

REVISÃO
Prof. Marco Beja

PROJETO GRÁFICO
Amanda Mira
Maíra Alfradique

PROJETO 4ª CAPA
Fernando Asvolinsque
Victoria Ornellas

ILUSTRAÇÕES
Fernando Asvolinsque
Victoria Ornellas
Carolina Monteiro

DIAGRAMAÇÃO
João Medina
Patrick Garrido
Amanda Mira
Maíra Alfradique
Matheus Pardellas
Anna Luiza Miranda
Beatriz Werneck
Carolina Monteiro
Carolina Souto
Lucas Antônio da Silva
Fernando Asvolinsque
Victoria Ornellas
Giovana Peralta
Giuliano Cosenza
Leonardo Barreto

Raissa Feliciano
Raphaela Barreto

ACESSIBILIDADE DO SITE
Prof. Diogo Robaina

EDIÇÃO DE ÁUDIO
Wagner Alonso

REPORTAGEM
Ana Brasil
Barbara Canela
Bruno Negreiro
Carolina Fraga
Eduarda Paixão
Eduardo Fernandes
Eduardo Marques
Gabriel Lorenzo
Gabriela Estrella
Gustavo Lindemayer
Gustavo Senna
João Victor Thomaz
José Victor Santos
Larissa de Oliveira
Lucas Almeida

Maria Luísa Martins
Mariana Colpas
Milena Azevedo
Nestor Ahrends
Nicole Machado
Pedro Martins
Renata Itabaiana
Rodolfo Paes Barreto
Sérgio Filho

FOTO DA CAPA
João Victor Thomaz

FOTO EXPEDIENTE
Leonardo Barreto

MONITORIA
Renan Adnet

AGRADECIMENTOS
Inst. Benjamin Constant
Jefferson Moura
Cristiano Corrêa
Prof. Rico Cavalcanti



Leonardo Barreto

Carta **dos** leitores

me-mó-ria (lat memoria) sf 1 Faculdade que se tem de adquirir informações, retê-las e, então, ser capaz de evocá-las. 2 Reminiscência, recordação. 3 Aquilo que serve de lembrança; vestígio. Estes são os significados dessa palavra pelo dicionário Aurélio.

Memória é o tema da revista FOCA Rio 2019.2. Nela, quatro matérias abordam o assunto em diferentes perspectivas: a sua construção sem a visão, os registros de momentos através de tatuagens, a preservação da cultura afro-brasileira e a resignificação dos valores de uma roupa.

Por meio de dois perfis, são contadas a história do escritor Jessé Andarilho, morador da comunidade de Antares, na Zona Oeste, e a do refugiado angolano Daniel Almeida, que vive no Complexo da Maré, na Zona Norte.

Pela primeira vez, a capa e os ensaios fotográficos foram feitos em preto e branco. Para isso, a turma de Jornalismo foi ao Palácio do Catete, ao Largo da Carioca e ao Museu Penitenciário, no Catumbi.

A foto de capa foi tirada em frente ao lugar em que o primeiro registro fotográfico foi realizado: Chafariz Mestre Valentim, na Praça XV. A imagem foi capturada em 1840 por Louis Comte, após a chegada da nova tecnologia da época: a daguerreotipia. Os alunos revisitaram esse local com o objetivo de criar uma nova memória a partir dessa lembrança histórica.

A memória pode possuir vários significados, os quais variam de acordo com a interpretação de cada um. É preciso manter as lembranças vivas, para não só construí-las na mente, como também para consolidar a história que cada momento é capaz de compor.

Por Gabriela Estrella, Gustavo Senna, Nicole Machado, Pedro Martins e Rodolfo Paes Barreto

À esquerda, Rua dos Mercadores. Foto: Rodolfo Paes Barreto.

À direita, Paço Imperial e chafariz do Mestre Valentim. Foto: Eduardo Marques.



Sumário

Pedro Martins



06
Além
dos
olhos

Nicole Machado



12
Registros
na pele

Rodolfo Paes Barreto



18
Ensaio



Nicole Machado



24
De Antares
para o
mundo

Ana Brasil



26
Lembrar
é resistir

Gustavo Senna



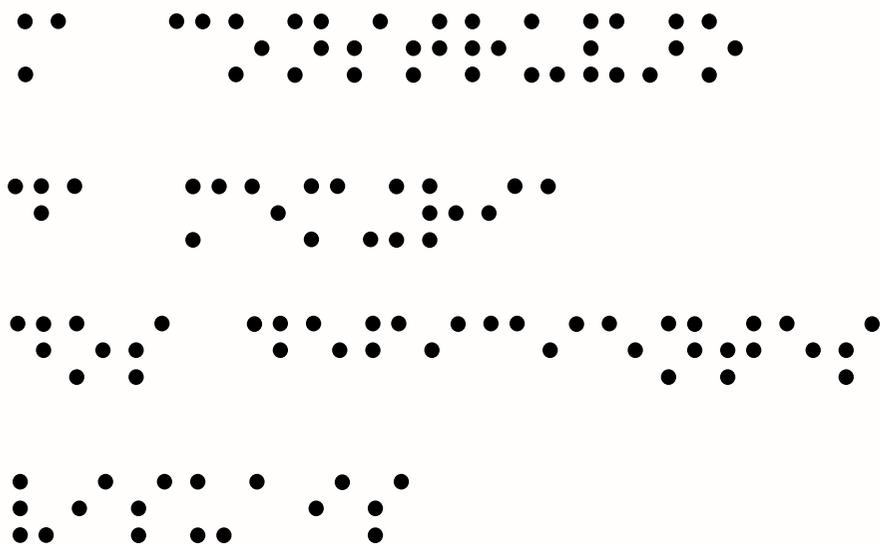
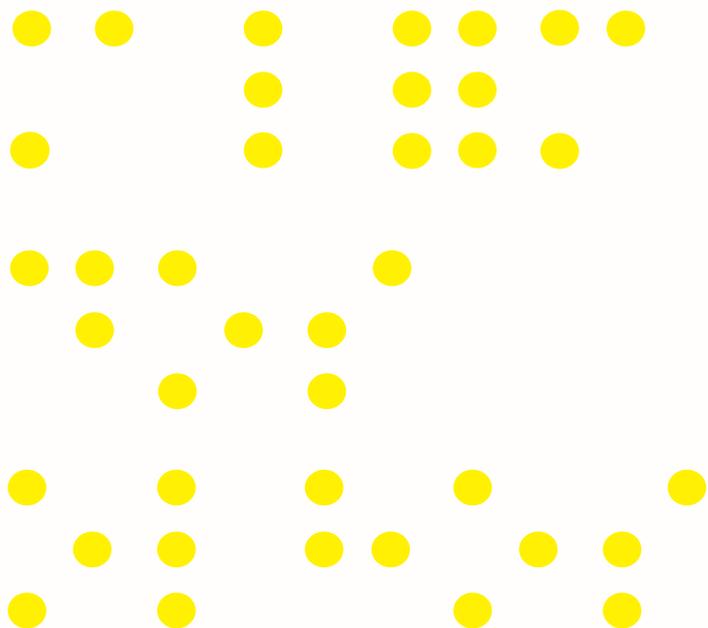
32
Refúgio e
esperança

João Victor Thomaz



34
Armário
da vida





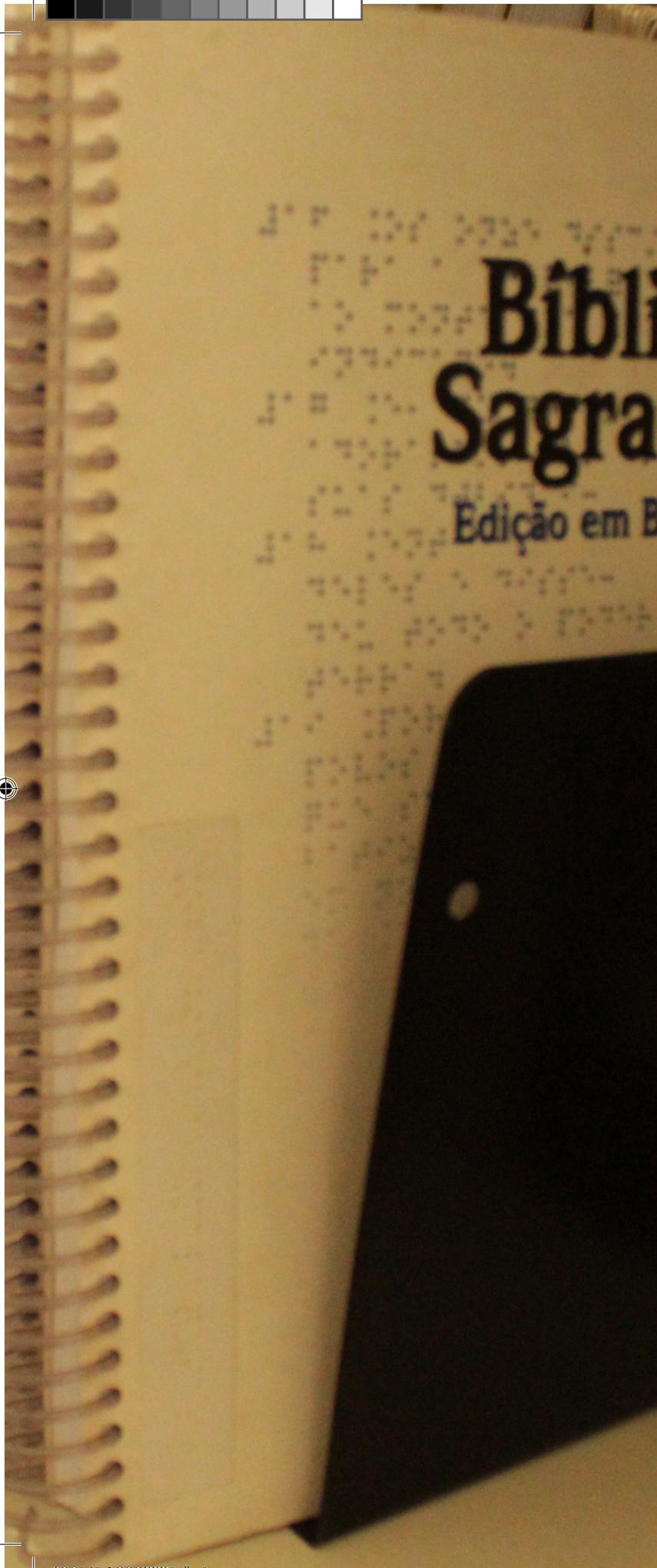
Além
dos
olhos
A construção
da memória
dos deficientes
visuais





Aulas de judô ministradas pelo professor Antônio Luís no IBC. Foto: Sérgio Filho





*Eduardo Fernandes,
Eduardo Marques,
Gustavo Senna,
Lucas Almeida,
Pedro Martins e Sérgio Filho*

Imagine viver o cotidiano com os olhos vendados. Uma rotina em que as cores são incapazes de colorir as lembranças e os sonhos. Um mundo em que abrir bem os olhos não o torna mais atento. Parece confuso, mas é a realidade de milhões de pessoas que possuem deficiência visual. O que de fato deve ser levado em consideração é que enxergar vai além de apenas ver. Assim como uma receita precisa da união de ingredientes para ser feita, uma memória é formada pela combinação de sensações. A visão, portanto, representa um sensor que algumas pessoas não possuem e, por causa disso, desenvolvem ainda mais os outros para construir suas memórias.

No Brasil, existem instituições que auxiliam a construção da memória dos deficientes visuais. O Instituto Benjamin Constant (IBC), criado no século XIX, é o mais antigo. Localizada na Urca, a associação é referência nacional no estudo dos cegos e conta com alunos de diversas faixas etárias. Ao andar pelo extenso gramado da fundação, percebe-se cada passo vindo do interior da estrutura. Os rangidos dos pisos de madeira nos longos corredores, os estalos da escada e as paredes com desenhos em relevo são alguns dos elementos que guiam os indivíduos pelo campus.

Aulas de judô, de música e de teatro também colocam em prática o exercício de construção do pensamento e da memória. O professor de piano Severino Campelo foi aluno da associação e, há três décadas, dedica-se ao ensinamento de suas técnicas aos novos alu-



nos do instituto. Ele, que perdeu sua visão gradativamente dos 10 aos 16 anos, diz que utiliza diversas sensações para construir suas memórias: “O indivíduo vê de muitas formas. Ele enxerga pelo olfato, ele enxerga pelo ouvido, ele enxerga pelo tato”. O pianista aperfeiçoou seus sentidos adaptando-se a realizar tarefas do dia a dia. Um dos maiores ídolos de Severino é Stevie Wonder, cantor e pianista cego, ganhador de diversos prêmios de música ao longo de sua vida. Em uma entrevista à apresentadora Oprah Winfrey, em 2004, o cantor disse: “Música, na sua essência, é o que nos dá memórias”.

Com a falta da visão para compor as lembranças, os outros sentidos são os responsáveis para compensar essa privação. Segundo Gustavo Fernandes, especializado em neurofisiologia clínica, a visão e a memória visual são produzidas por uma parte do córtex, que é localizado na parte de trás do cérebro. A ausência desse sentido abre espaço para o desenvolvimento dos outros através da capacidade chamada plasticidade cerebral. Sendo assim, os outros sensores do corpo tornam-se mais marcantes, tanto no dia a dia quanto na memória.

As lembranças de um cego de nascença funcionam de uma maneira diferente daqueles que possuem a visão, ou já a tiveram. O professor de francês do IBC Marcello Estevão nasceu sem a visão. Ele cita que, para esses deficientes imaginarem uma imagem, é tão difícil quanto os videntes tentarem imaginar uma cor que nunca foi antes vista. Sendo assim, neste caso, memórias e lembranças são compostas principalmente pelos outros sentidos. “Eu não sonho de noite com imagens. Eu não lembro do que passei ou reconheço as pessoas tentando imaginar uma cena ou um formato. Para mim, o cheiro, a voz, o barulho e a textura são o que formam as minhas cenas”, reforçou Marcello.



Na página anterior: Parte da biblioteca do IBC com detalhe da Bíblia em Braille. Foto: Sérgio Filho

Acima: Professor e maestro Severino Campello tocando piano no IBC. Foto: Sérgio Filho.

Abaixo: Deficiente visual, João Maia é fotógrafo e trabalhou nas Paraolimpíadas de 2016. Foto: Arquivo Pessoal





Fachada principal do Instituto Benjamin Constant. Foto: Sérgio Filho

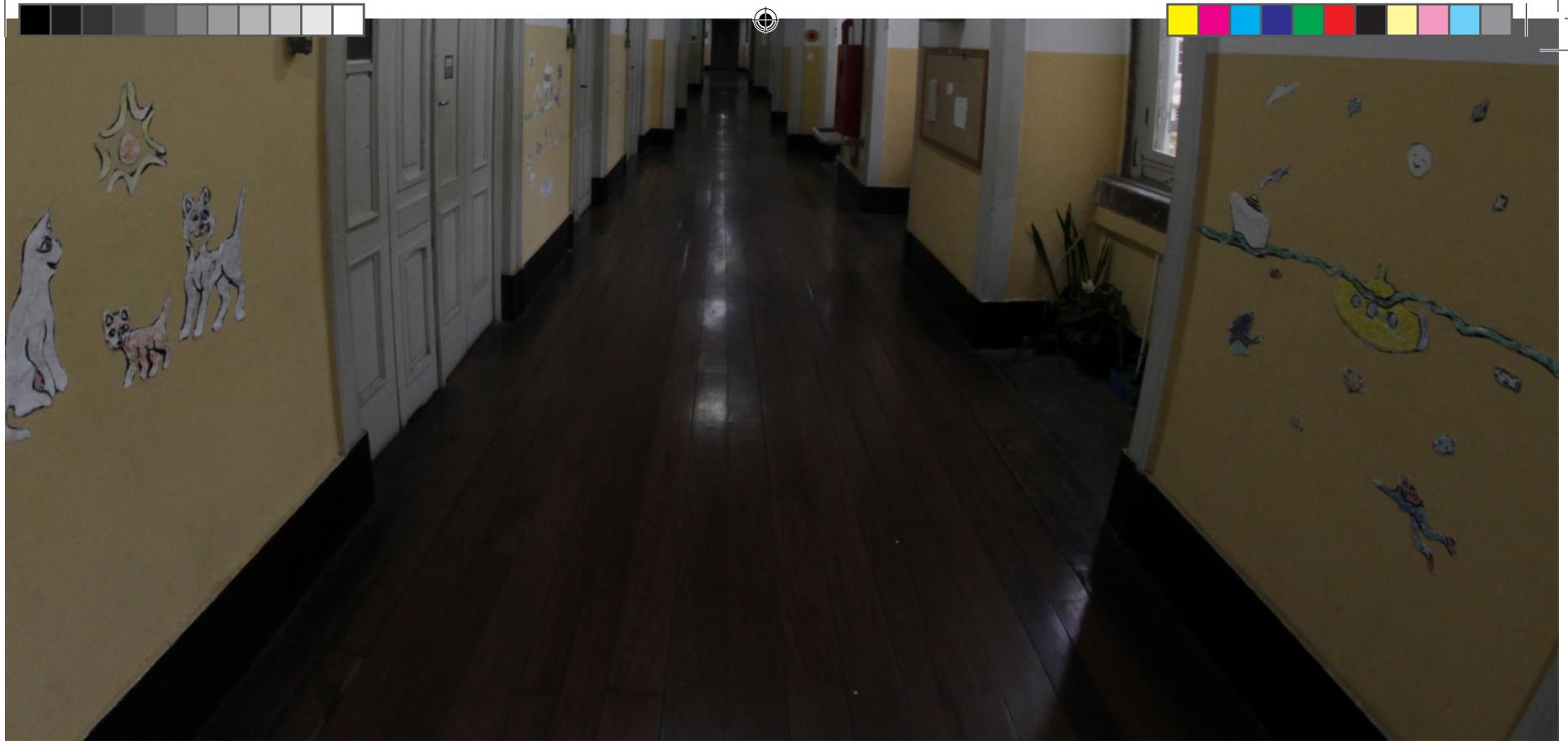
Um dos métodos de estímulo à construção da memória por meio desses sentidos é o contato com a cultura. Apesar da existência de leis que deveriam garantir os direitos dos deficientes, a adaptação de obras para o consumo destes ainda não acontece de maneira adequada. Segundo dados do IBGE de 2010, 6,5 milhões de pessoas no Brasil são deficientes visuais. Desses, 503,4 mil são cegos. Nove anos após a pesquisa, ainda não houve uma mudança significativa no número de centros especializados na construção da memória dos cegos.

De acordo com a União Mundial de Cegos, em países em desenvolvimento, menos de 1% das obras publicadas estão disponíveis em formatos como Braille ou áudio. Mesmo nos países ricos, o total não chega a 5%. Para Alceu Kuhn, diretor da Organização Nacional de Cegos do Brasil (ONCB), a maior parte das obras está nos livros didáticos. Poucos livros da literatura possuem

um formato adaptado. Sendo assim, a memória cultural, que está relacionada com o acesso à cultura materializada e a obras literárias, é limitada para os deficientes visuais, já que eles não possuem acesso à grande parte das obras, seja por audiodescrição ou Braille.

Apesar do longo trajeto a ser percorrido, a inclusão dos deficientes à cultura caminha vagarosamente. É possível notar um avanço em alguns locais que prestam esse serviço, pois a cultura está diretamente associada à noção de memória. Instituições vêm investindo mais e levando em consideração as pessoas que possuem a visão parcialmente ou totalmente afetada.

No Brasil, dentre os museus que contam com locais acessíveis, está o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), que se destaca com programas destinados às pessoas com deficiência visual que estimulam a imaginação dos visitantes por meio de outros sentidos.



Desenhos em alto relevo nas paredes de um corredor do IBC. Foto: Sérgio Filho

Como na maioria dos casos é a audição que prevalece como forma principal de construir uma memória, o MAM utiliza a audiodescrição para tornar suas exposições acessíveis para os deficientes visuais.

Mesmo com dificuldades no consumo da cultura, profissionais com deficiência visual utilizam os outros sentidos para executarem seus trabalhos. O fotógrafo João Maia perdeu, aos 28 anos, a maior parte de sua visão devido a uma inflamação de alto grau que prejudicou o globo ocular dos dois olhos, cegando o olho direito e limitando a visão do olho esquerdo a ponto de identificar apenas vultos e algumas cores a uma distância curtíssima. Há 15 anos com a limitação, conta que aprendeu a construir suas lembranças por meio da audição: “Para lembrar das coisas, eu utilizo os elementos que eu tenho, como ouvir vozes e utilizar muito minha imaginação”.

momentos

Ele narra com alegria os momentos que o marcaram nas Paraolimpíadas Rio 2016. Fotografar a final do futebol de cinco foi um dos momentos mais emocionantes de sua vida. Era possível perceber que a arquibancada, segundo ele, estava lotada. Para João, como o esporte exige silêncio, sentir a multidão concentrada e calada foi algo que dificilmente se perderá em suas memórias. Ele sonha fotografar as Olimpíadas de 2020, no Japão.

Desde os cliques de uma máquina fotográfica até os estalos das tábuas, os elementos juntam-se para formar uma memória. O essencial para a construção das lembranças torna-se único, de forma em que cada pessoa se adapta de maneira particular. Não se trata apenas dos quatro outros sentidos (tato, audição, olfato e paladar), mas sim de inúmeras sensações. Todo e qualquer sentimento pode produzir uma memória.



Registros na pele

Tatuagens que contam histórias

De traço em traço o desenho vai tomando forma. O som constante de uma máquina agita o coração de quem, confrontado pelo nervosismo, deixa a vontade falar mais alto. A cada rabisco feito pela ponta da agulha, a adrenalina aumenta e camufla a dor. Vez ou outra, a pessoa espiona o procedimento e a ansiedade fica estampada no rosto de quem é tatuado. Não importa se os desenhos são coloridos ou em preto e branco, pois cumprem o mesmo propósito: registrar a memória na pele.

O primeiro registro de tatuagem foi encontrado em um fóssil humano, o homem Ötzi, na região dos Alpes. Datado por volta de 3300 a.C., ele possuía mais de 50 marcações em seu corpo, a maioria nas áreas das juntas e articulações. Essas gravações foram feitas a partir de cortes na pele com pedras de carvão e que, de acordo com os estudiosos que encontraram o corpo em 1991, eram utilizadas no tratamento de dores. Para eles, outras técnicas de marcar a pele também eram responsáveis por registrar os eventos importantes na

*Gabriel Lorenzo,
Gabriela Estrella, Larissa de
Oliveira, Maria Luísa Martins,
Mariana Colpas,
Nicole Machado*

vida do indivíduo, como o nascimento, a puberdade, o desenvolvimento, o casamento e a morte.

Segundo o jornalista Toni Marques, no livro “O Brasil tatuado e outros mundos”, o preconceito com a tatuagem é oriundo de uma construção social e histórica, uma vez que, nos séculos XIX e XX, tal arte era associada à delinquência e à promiscuidade. Essa técnica foi introduzida no Ocidente pelos marinheiros, que começaram a tatuar seus próprios corpos. Eles difundiram suas atividades nas áreas portuárias para os frequentadores do local, como criminosos e meretrizes, que eram figuras marginalizadas da sociedade.

Para a advogada Thamires Lima, de 38 anos, a tatuagem ainda é um tabu na sociedade. Em sua área de trabalho, o preconceito contra essa prática é persistente, mas isso não a impediu de

Bárbara e Caian Blunk
com sua filha, Maria Alice
Foto: Nicole Machado



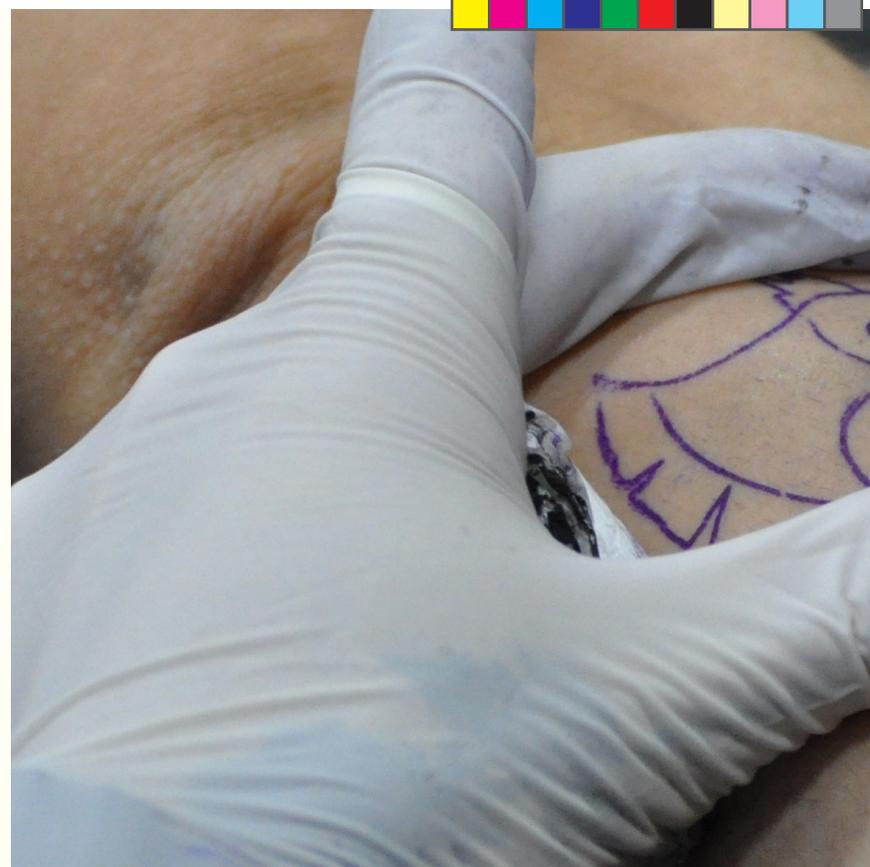


realizar cinco tattoos. Entre elas, a mais simbólica representa quatro fatos marcantes em sua vida: quando realizou o seu sonho de ir a Paris, a paixão pelo seu signo, Leão, e seu ascendente em Áries, o amor pela música e uma homenagem à sua bisavó indígena. Além disso, a advogada conta que as tatuagens trazem boas memórias. “Sempre me lembro de estar embaixo da Torre Eiffel, cantando as músicas em francês, e fico muito feliz. A memória é a libertação de pensamentos negativos”, afirma.

Outro sentimento frequentemente retratado em tatuagens é o amor. Deixar registrado o que ama foi o desejo de Márcio Schimidt, quando tatuou o rosto de sua esposa, Diva Maia, em seu antebraço esquerdo. No mesmo desenho, o fotógrafo e editor de vídeo, de 48 anos, uniu outra paixão: caveiras mexicanas. Desde criança, gostava desse símbolo, pois transmitia uma mensagem de que todos são iguais internamente. “Dentro da gente, não há cor, raça e credo. No fundo, somos iguais: uma caveira branca”, reflete.

Márcio diz que a motivação para a sua tatuagem foi o reencontro de seu amor da adolescência. “Ela era a minha namorada quando eu tinha 16 anos e, por desencontros da vida, acabamos nos separando. Passamos 20 anos longe um do outro”, conta. Márcio tem a certeza de que não irá se arrepender de nenhuma das seis tattoos em seu corpo, desde que fez sua primeira - uma caveira preta e branca, aos 14 anos.

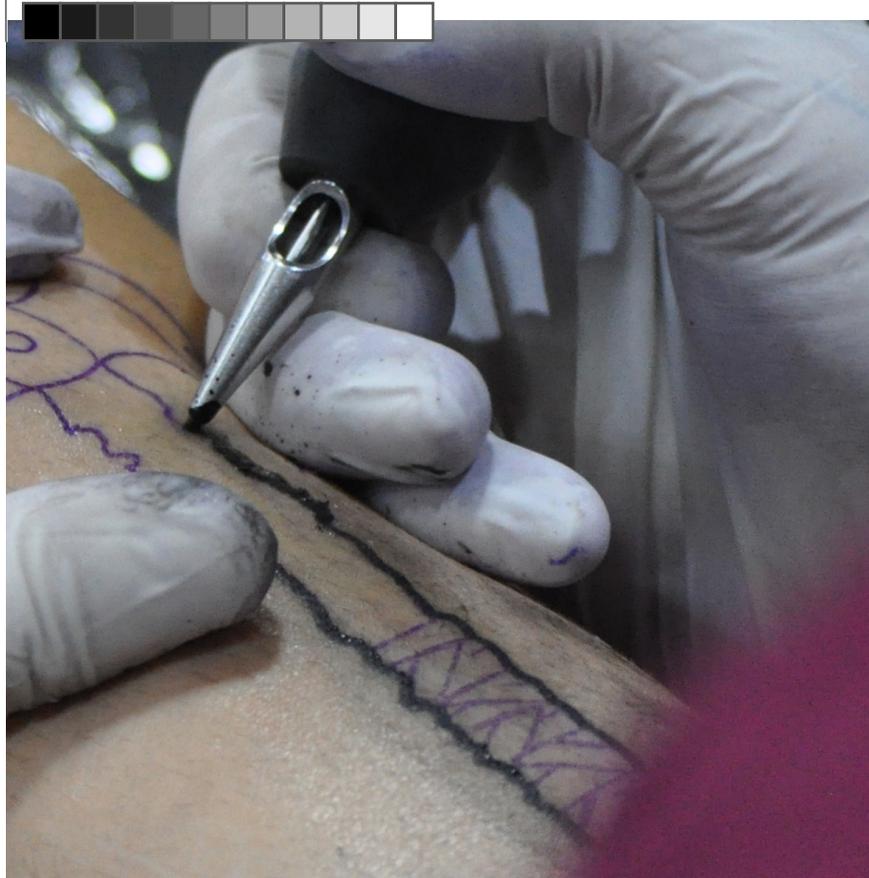
Do outro lado da agulha, está o tatuador Lucas dos Santos que, apaixonado por desenhos



Realização de uma tatuagem. Foto: Larissa de Oliveira

desde criança, encontrou, nessa área, uma forma de marcá-los. O tatuador de 31 anos especializou-se na técnica de realismo, pois, quando os seus clientes levavam fotos de outras pessoas ou de seus cachorros, com o objetivo de reproduzi-las, isso o deslumbrava. Conforme aperfeiçoava os seus traços, essa prática se tornava cada vez mais especial para o tatuador. “Para mim, a tatuagem é algo sagrado. Ela não é só o meu ganha pão, e sim a minha solução”, conta.

Lucas ainda afirma que as tatuagens são capazes de transformar a pessoa não apenas esteticamente, como também espiritualmente. Segundo ele, ter algo especial gravado no corpo transforma a pessoa por dentro. A memória a que tal arte remete se torna mais viva no caráter do indivíduo.



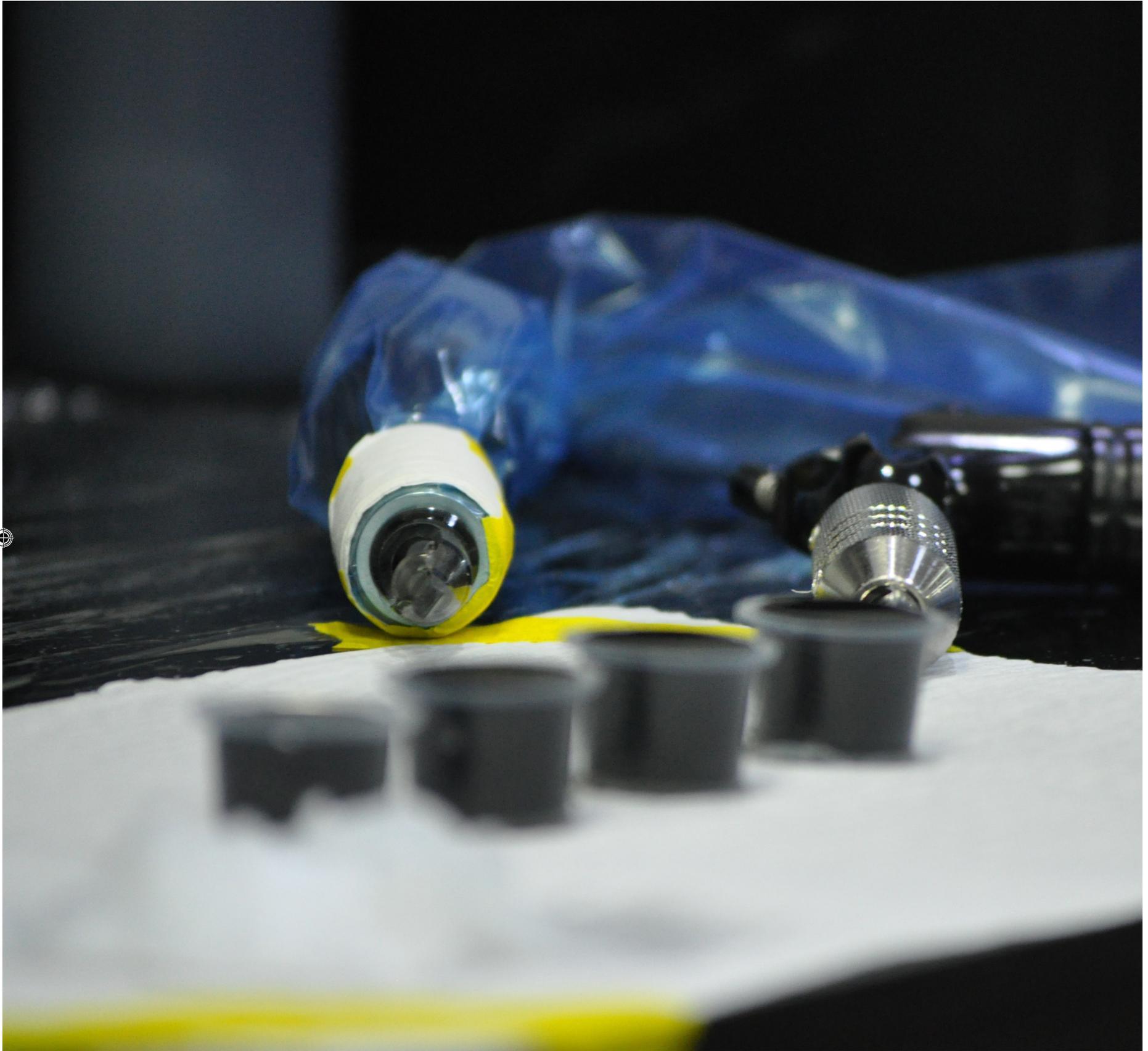
A antropóloga Andrea Osório, de 44 anos, explica que a tatuagem também é uma forma de expressão identitária. “Através da tatuagem, o ser humano revela quem é e como deseja se apresentar à sociedade”, diz. Segundo ela, esses registros na pele são maneiras de revelar a singularidade do indivíduo, que busca um desenho com o valor de ser gravado em seu corpo. Ele se torna um recipiente de memórias, armazenando as histórias contadas por cada traço e trazendo à tona uma rede de significados que expressam uma personalidade.

A vontade de traçar uma lembrança na pele foi um sentimento compartilhado por Bárbara e Caian Blunk. Motivados pelo nascimento de sua filha, Maria Alice, realizaram uma tatuagem juntos. Como forma de demonstrar o amor que sentem

por ela, tatuaram o contorno da mão da bebê, com uma flor de cerejeira, o nome e a data de seu nascimento. “Essa tatuagem é um amor eternizado”, diz a mãe. Caian afirma que gosta de aproveitar todo o tempo juntos, pois haverá um momento em que os filhos seguirão suas vidas e começarão uma nova família. “Essa tatuagem é uma maneira de tê-la sempre com a gente”, comenta.

A responsável por registrar esse desenho na pele do casal foi a tatuadora Luísa Paraguassú, de 25 anos. Assim que trocou a faculdade de moda pelo mundo da tatuagem, identificou-se imediatamente com o ambiente do estúdio. “Foi como cena de filme: quando pisei no local, fiquei arrepiada e os meus olhos se encheram de lágrimas”, conta. Para ela, o convívio e a troca de ideias com o cliente são fundamentais para o seu processo de criação. Essa “terapia diária”, como costuma dizer, a fez entender que tatuagem é muito mais do que uma arte ou tinta na pele. “Através da tatuagem, a memória possui um grande significado, já que permite guardar algo para sempre em seu corpo”, diz.

Compartilhando a mesma paixão, Marco Antônio Magalhães veio ao Rio de Janeiro em busca do seu sonho: tornar-se tatuador. Para ele, a tatuagem representa um pouco de quem o indivíduo era em determinado momento de sua vida. “Cada desenho é um você que ficou para trás”, diz. Agora, aos 22 anos, Marco Antônio afirma que essa arte é a sua vida: “É a pessoa na qual me tornei”. Graças à sua profissão, conheceu pessoas que foram de grande importância para o seu crescimento



FOCA RIO 19.2

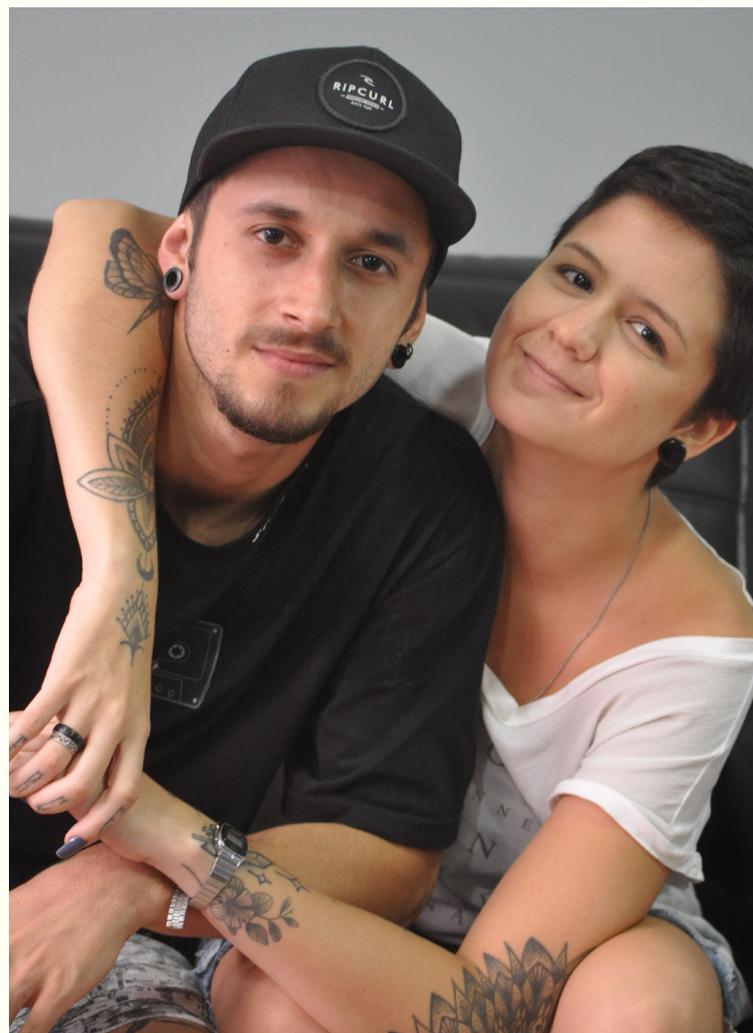




profissional e pessoal, como a sua namorada, Luísa. Eles trabalham juntos no Chicanos Tattoo, localizado no Tanque, na Zona Oeste.

Com uma máquina artesanal, Marco Antônio começou a trabalhar tatuando o seu irmão Mateus, que tinha 13 anos. Seis anos depois, o arrependimento tomou conta do jovem, mas o tatuador afirma que pediu para seu irmão manter a tatuagem pela importância que tem para sua história. Já Luísa Paraguassú conta que cobriu sua primeira tatuagem, um manequim retrô, com uma maior, que representa uma guerreira.

Esses relatos mostram que a tatuagem permite que, por mais que o indivíduo possa se arrepender, ele pode substituir o que havia marcado por uma outra memória e, assim, construir uma nova história. A relação da pessoa com a sua tatuagem torna-se pessoal, com significados diferentes para cada um, e o corpo transforma-se em um meio de guardar lembranças.



Na página anterior: Máquina elétrica utilizada para a realização de tatuagens. Foto: Larissa de Oliveira
Acima: O casal de tatuadores, Luísa Paraguassú e Marco Antônio Magalhães. Foto: Nicole Machado
Ao lado: Thamires Lima mostrando a sua tatuagem. Foto: Nicole Machado





Ensaio

Parte da história do Rio é contada através de fotos em preto e branco que trazem uma cidade onde construções, monumentos e objetos revelam histórias, como o Palácio do Catete, o Largo da Carioca e a Cinelândia com seu entorno onde o novo e o antigo Rio se encontram. A realidade de quem passou seus dias entre as paredes das celas do Museu Penitenciário também mostram um lado sombrio de memória de uma cidade em constante mutação.



Acima, idosas sentadas em banco no jardim de frente ao Museu da República no Catete. Foto: Bárbara Canela

À esquerda, Detalhe na porta do palácio. Juno, rainha dos deuses, da mitologia romana. Foto: Pedro Martins

Abaixo, obra "Paisagem no Vazio", de Jeane Terra, exposta no Jardim do Palácio do Catete. Foto: Gabriel Lorenzo





À esquerda, exposição da obra "Paisagem no Vazio", no Palácio do Catete. Ao fundo, a Galeria do Lago. Foto: Carolina Fraga

À direita, a estátua "Anjos da República". Foto: Rodolfo Paes Barreto

Abaixo: Réplica de Estátua Romana, no Jardim do Palácio do Catete, construído em 1866. Foto: Maria Luísa Martins





Em sentido horário: Largo da Carioca, visto do Santuário e Convento de Santo Antônio. Foto: Milena Azevedo. Pombos sobrevoam o monumento de Floriano Peixoto, na Cinelândia, e Teatro Municipal ao fundo. Foto: Pedro Martins. Parte da fachada do Museu Nacional de Belas Artes. Foto: Gustavo Lindemayer. Trilhos do VLT em frente à Biblioteca Nacional, na Av. Rio Branco. Foto: Mariana Colpas

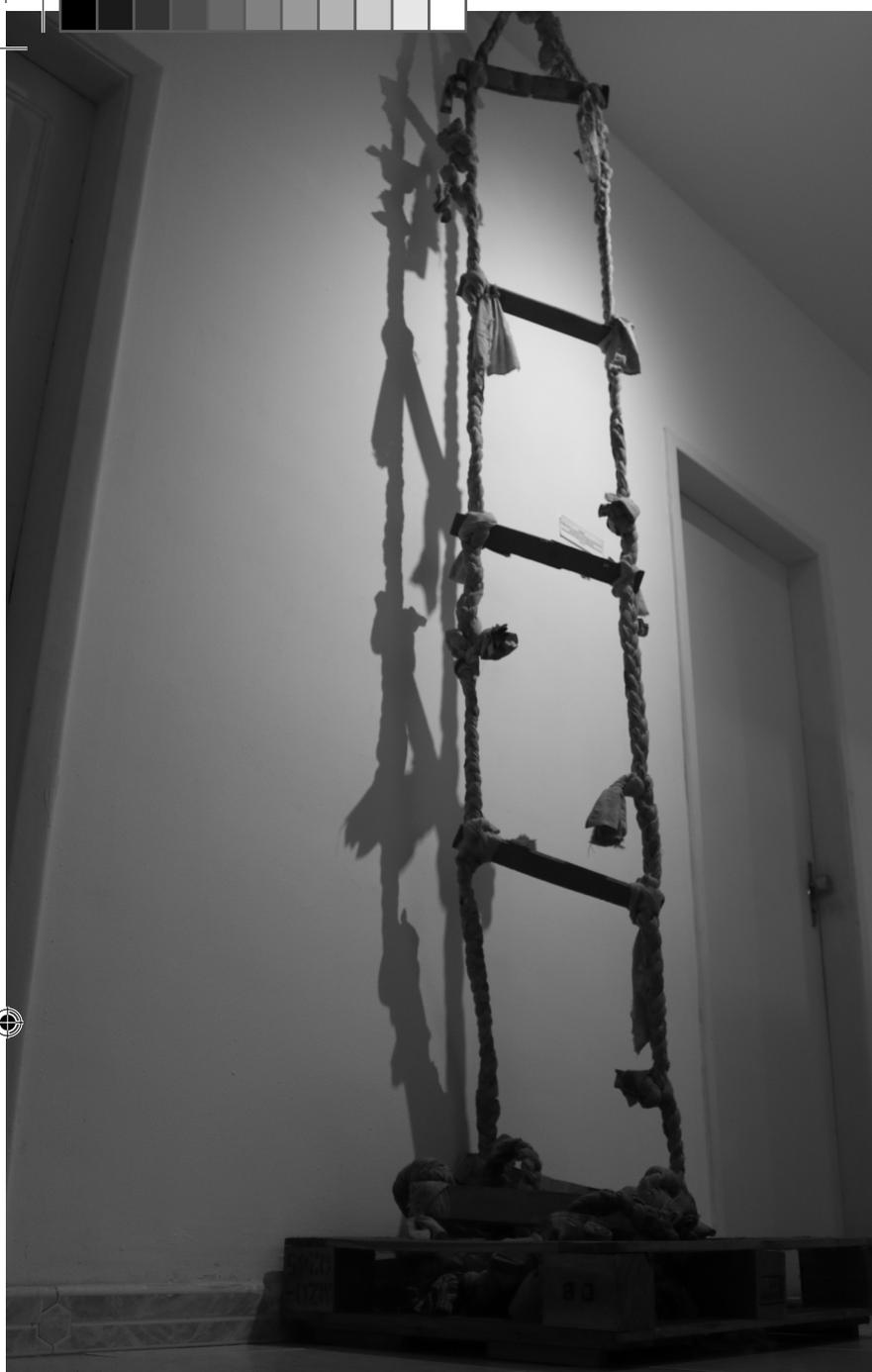


Detalhe do Monumento
Marechal Floriano
Peixoto, na Cinelândia.
Ao fundo, a
Biblioteca Nacional.
Foto: NestorAhrens



Largo da Carioca
e seu entorno
visto do Convento
de Santo Antônio.
Foto: Gabriel
Lorenzo





Em sentido horário:

Escada chamada de teresa, corda feita de lençóis para tentativa de fuga do Complexo Penitenciário Frei Caneca, no Museu Penitenciário. Foto: Mariana Colpas
Cerca de arame sobre o muro no presídio.

Foto: Renata Itabaiana

Quadro para conferir a movimentação diária dos detentos no Manicômio Judiciário Heitor Carrilho.

Foto: Carolina Fraga

Ilustração feita pelo preso Fábio Mota na porta de seu quarto, no Manicômio Penitenciário. Foto: Gabriela Estrella

Livro "A agressão: uma história natural do mal", na Biblioteca Heitor Carrilho. Foto: João Victor Thomaz

Livros desgastados na biblioteca. Foto: Bruno Negreiro

Arma improvisada pelos presos com pau e pregos.

Foto: Larissa Oliveira



JSPCS · MANICÔMIO JUDICIÁRIO HEITOR CARRILHO

CONFERE		GERAL	SUB TOTAL	LOCAÇÃO DE INTERNOS														
AL.F.	15	ALIAS JEMANAS	17	ALOJAMENTOS						ENFERMARIAS								
GALERIA B	31	JEMANAS	40	GALERIA B			GALERIA C			GALERIA D			GALERIA E					
" C	18	JEMANAS	53	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	A	A	B
" D	21	JEMANAS	166	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	B	C	C
ALOJAMENTO		JEMANAS	5	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	D	E	E
ELADORIA		JEMANAS	3	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	F	G	G
PRAXIT.		JEMANAS	2	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	H	I	J
		PERNOITE	22	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	K	L	M
EFEKTIVO	435	TOTAL NO JSPMJ	144	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	N	O	
MOVIMENTAÇÃO DIÁRIA				71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	P	Q	R
JUIZ	HOSP.	TRANSF.	PENDENTE	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	S	T	U





Jessé Andarilho, autor do livro "Fiel", mora em Antares, na Zona Oeste do Rio. Foto: Nicole Machado

De Antares para o mundo

A realidade contada
através da literatura

Nicole Machado

O trajeto de trem que Jessé da Silva Dantas, de 38 anos, fazia para ir de sua casa, em Antares, ao trabalho, no Centro, durava cerca de duas horas. Para aproveitar o tempo, começou a anotar tudo que via, ouvia e vivia, desde que saía de sua comunidade em Santa Cruz, na Zona Oeste. Assim nasceu o livro "Fiel": do bloco de notas do celular, nas viagens entre as estações Tancredo Neves e Central do Brasil. O escritor construiu o romance a partir das suas memórias, das de amigos e desconhecidos, abordando a vida de um garoto envolvido com o tráfico carioca e a de centenas de jovens das periferias.

Filho de uma vendedora de sonhos e de um vendedor de cuscuz, Jessé nasceu no bairro do Lins, Zona Norte, em 1981, mas cresceu em Antares. Ele vivia



em meio ao tráfico, à violência e a tiroteios. “Para ir à escola, eu precisava pular corpos. Como vivia imerso nesse mundo, achava que era normal”.

Jessé nunca gostou de estudar. Repetiu a 7ª série cinco vezes, mas se esforçou e terminou o ensino médio. Interesse pela leitura e pela escrita? Também não tinha. Essa barreira foi quebrada graças a uma amiga. Enquanto ele trabalhava em um lava jato, ela lhe deu o livro “No coração do comando”, de Júlio Ludemir, e ele devorou em um dia.

Em 2014, escreveu o livro “Fiel”, ambientado em Antares e publicado pela Companhia das Letras. Jessé decidiu escrever sobre sua vida e de pessoas que viveram situações que ele não tinha vivido. “Não me envolvi com o tráfico, mas o Fiel sim. No livro, coloquei um pouco de cada pessoa que via seguindo o caminho da criminalidade”.

Uma das conversas do trem é a história da mãe do personagem principal. Uma amiga que tinha um sobrinho envolvido com o tráfico contou que, após sua avó descobrir isso, trocou as fechaduras de casa e, antes de ele entrar era revistado. “Achei a minha história”, pensou. As idas e vindas pela cidade o ajudaram a se transformar em escritor e receber o apelido de Andarilho.

Durante um curso de produção audiovisual na Central Única das Favelas (CUFA), o produtor de eventos Anderson Reef, de 31 anos, e Jessé tornaram-se amigos. Ele acredita que conhecê-lo foi uma salvação, pois se envolveu com o tráfico e o escritor o ajudou a se afastar desse caminho. “Na época em que o conheci, estava perdido”.

A partir desse encontro, surgiu o Marginow. O projeto mostra a favela sob um outro olhar, em

canal no Youtube, com leituras de poesia, clipes de rap, saraus e uma roda cultural toda segunda-feira sob o Viaduto Negrão de Lima, em Madureira.

O movimento mostra aos artistas marginalizados a importância de representar a sua realidade. Eles trocam experiências com pessoas, são protagonistas do seu trabalho e de suas vidas: “Crescemos com a ideia de que não podemos dirigir um filme. Nem sabemos se podemos ou não, porque nunca experimentamos”, diz Jessé.

Sua mãe, Antônia Pereira, de 65 anos, chora ao lembrar do lançamento de “Fiel”, quando a família e os amigos foram prestigiá-lo: “Foi muito marcante ver aquela fila imensa na livraria, esperando um autógrafo dele. Para mim, não tem preço”.

O escritor Júlio Ludemir, criador da Festa Literária das Periferias (FLUPP), tornou-se grande amigo de Jessé e já o convidou para alguns eventos, principalmente os que lidam com jovens de comunidades. “Assim que ele diz que é especialista em 7ª série, cria empatia com o pessoal. Essas pessoas são de grande importância para o nosso processo de formação de leitores e escritores”. Ele diz que o trabalho de Jessé é relevante e renovador para a literatura. Andarilho já publicou seu segundo livro em 2017, “Efetivo Variável”, que conta sua experiência no Exército.

Jessé diz que a essência do seu trabalho está em contar histórias e que ficar dentro de casa, em frente ao computador, sem viver a realidade, não funciona. “Não irei escrever com tanta propriedade como eu tenho por circular pela cidade. Se eu não estivesse no trem, essas histórias jamais seriam contadas”.



Integrantes do Afolaje participando da roda de capoeira, na praça Agripino Grieco. Foto: Carolina Fraga



Lembrar é resistir

A (re)existência da cultura afro-brasileira
em projetos cariocas

*Ana Brasil, Bárbara Canela,
Carolina Fraga, Eduarda Paixão,
Milena Carvalho e Rodolfo Paes Barreto*

Desde o cabelo até os passos dos pés, a cultura africana foi passada entre as gerações, principalmente, pela tradição oral. Diante de diversas dificuldades, a arte foi uma das principais formas encontrada para preservar a herança do negro. Resistir ao esquecimento é o que motiva o Afrolaje, no Méier e o Tambor de Cumba, na Lapa. Esses projetos procuram defender a história de seus ancestrais da discriminação racial presente em nosso cotidiano. De forma dinâmica, a dança, o teatro e a música ajudam crianças e adultos a relembrar suas origens e a valorizar sua autoestima.



Orixás representados em quadros artesanais na Preta Feira, do IPCN. Foto: Eduarda Rosales

O Afrolaje é formado por um grupo de artistas que realizam rodas de dança todo último domingo do mês, na praça central do Méier. Seus fundadores, Flávia Souza e Ivan Karu, se esforçam para manter viva a memória do negro no Brasil, através do jongo e da capoeira. Ambas expressões artísticas surgiram no período escravocrata brasileiro, quando os africanos traziam consigo as suas tradições como uma forma de escape daquela realidade. Segundo Flávia, crescer sem conhecer quais são suas raízes, em um primeiro momento, foi um obstáculo para dançar o jongo no seu curso de teatro da Faetec em 1997.

No entanto, foi o incentivo de Mestre Darcy, um dos principais jongueiros cariocas, que a fez seguir o caminho dessa arte. A partir desse momento, a

dança nunca mais a abandonou. Por onde passava, levava consigo as saias do jongo, peça importante para os movimentos femininos nas rodas. Em sua trajetória, aprendeu o ritual típico do jongo, que se inicia com uma dose de cachaça sendo derramada no tambor e em seguida, um casal abrindo a roda e começando a dançar.

Anos depois, Flávia, agora jongueira, criou o Afrolaje vislumbrando transmitir todos esses fundamentos que aprendeu. Ela conta que, em um dos primeiros ensaios na laje de sua casa, o som intenso do atabaque logo chamou atenção da sua avó, que se desesperou com o que via. A senhora temia pela prisão de sua neta, já que, na sua cabeça, aqueles movimentos eram lembranças de um passado sombrio.



Criança lutando capoeira na Festa para Omode, do IPCN.

Foto: Eduarda Rosales

cultura

Ali, Flávia descobriu que essa cultura corria em seu sangue, e o desespero de sua avó se dava por conta da prisão do próprio pai no começo do século XX. Ele foi autuado por dançar jongo em uma época em que essa prática era considerada vadiagem pelas autoridades, algo muito comum de acontecer com escravos libertos. Essa repressão deixou cicatrizes em sua família, entretanto hoje foram transformadas em orgulho e esperança. “É preciso manter os nossos pés firmes no chão para dar continuidade a nossa cultura”, afirma a dançarina.

O seu principal anseio é também elevar a autoestima do negro. Flávia conta que nem sempre eles se sentem confortáveis em entrar na roda de capoeira: “Nós sentimos diariamente um medo constante de sermos punidos por estarmos em um espaço a

que não pertencemos, isto acaba abalando a nossa autoestima”.

Já os brancos, segundo ela, são diferentes. Ela percebe isso todo último domingo de dezembro, quando a roda é realizada especialmente no Arpoador. O público, neste dia, é composto na maioria por turistas, que, naturalmente, começam a dançar, mesmo que não da forma tradicional da dança. Já nas rodas do Méier, Flávia nota que, no início, o público negro hesita mais em começar a se movimentar.

Para mudar esse cenário, o Afrolaje busca incentivar a prática artística no público infantil. A doutoranda em Comunicação e Cultura pela UERJ, Adelaide Chao justifica esse incentivo ao explicar que, antigamente, o jongo era apenas realizado por adultos e idosos: “As crianças não podiam assistir à



dança, mas elas acabavam dançando escondidas mesmo assim”.

A pesquisadora em patrimônios culturais conta também que foi a tia Maria do Jongu da Serrinha e o Mestre Darcy que difundiram essa cultura entre todas as gerações no país. Eles queriam, assim, passar adiante essa tradição para evitar o seu esquecimento. Objetivo este que Flávia considera estar avançando, já que hoje ela diz perceber, nas atitudes de muitas crianças, um orgulho de ser negro que antes não existia.

Rodeados por atabaques, berimbaus, pandeiros, agogôs e reco-recos, há também outras danças nos projetos de Flávia, como o Coco, o Samba de Roda, o Maracatu e a Capoeira de Angola, praticada e ensinada pelo seu marido Ivan. O capoeirista explica que o nome do grupo simboliza o hábito das pessoas do subúrbio carioca de transformar a laje em um lugar para a criação de sua própria cultura. O casal expande aquilo que antes se confinava em pequenos espaços para a praça Agripino Grieco.

Localizada em uma região que já foi uma grande fazenda de cana de açúcar no século XVIII, a roda acontece uma vez em cada mês do ano. Ela busca, nesse dia, resgatar as raízes de seus antepassados, já que os primeiros habitantes da região foram escravos. As memórias deles são hoje substituídas pela liberdade de exercer o bailado africano.

O mesmo acontece no Tambor de Cumba, criado em 2012 pela carioca e bailarina profissional Ana Catão. Em um portão que passa quase despercebido em meio aos altos muros da Rua Mem de Sá,

a sede do projeto encontra-se no Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN), no Centro do Rio. Para chegar ao salão onde acontecem as oficinas, é necessário percorrer um corredor estreito que leva ao ambiente com fotografias antigas penduradas nas paredes de tijolos, revelando o apreço pela história do lugar.

Ana, desde pequena, esteve envolvida com a arte. Ainda assim, foi somente aos 18 anos que, por influência do Candomblé, ela iniciou seu trabalho com danças de matrizes africanas. Às quartas e sextas-feiras, Ana abre as portas do IPCN para promover oficinas de dança, de onde são selecionados alunos para participarem de seus eventos. Entre eles, há o “Cosmogonia Africana”, um espetáculo de dança em parceria com Marcelo Monteiro, criador de uma palestra que tem como objetivo conscientizar as pessoas sobre as culturas tradicionais de origem africana. A iniciativa parte da intenção de profissionalizar e dar visibilidade a seus próprios bailarinos.

A artista estimula o talento local, pois a oportunidade para os negros, segundo ela, é escassa. Além disto, todo terceiro domingo do mês, o Tambor de Cumba promove uma feira que reúne moda, gastronomia, artesanato, música e dança no mesmo local. As edições ocorrem nesse dia, pois é quando a rua fica fechada para o lazer dos moradores.

O ambiente, que nas noites é um ponto de referência para a vida boêmia carioca, transforma-se em um espaço tranquilo e sossegado. Tocando o berimbau e cantando músicas típicas, o capoeirista



Mestre Cobra é responsável por ensinar às crianças e incentivá-las a participarem da dança. Neste momento, qualquer um que passa é bem recebido, não importando a idade ou experiência.

Em meio a rodas e espetáculos, uma história é contada em cada apresentação. Os idealizadores dos projetos acreditam que, estimulando as crianças a valorizarem suas origens culturais, a herança continuará sempre viva. Através dos passos de dança, uma nova memória é criada para as próximas gerações.

origens



Acima Flávia Souza e Ivan Karu, criadores do Afrolaje

Foto: Carolina Fraga

Abaixo Ana Catão, criadora do Tambor de Cumba

Foto: Ana Brasil





Daniel com seu time na final da Rio Copa dos Refugiados.
Foto: Gustavo Senna

Refúgio e esperança

A busca
de uma vida nova
pelas chuteiras

Gustavo Senna

Cada chuteira carrega uma história. A do angolano refugiado Daniel Almeida, de 19 anos, ainda leva a terra natal grudada na sola. Afinal, foram dez anos jogando em campos sem grama em seu país. Morando no Rio desde 2015, hoje é campeão da etapa carioca da Copa dos Refugiados de 2019 e carrega a saudade da família que teve de deixar em Angola.

Vivendo desde os seis meses sem o pai, que deixou Angola para buscar emprego no Brasil, Daniel iniciou sua trajetória no futebol aos cinco anos, no município de Cazenga, onde as coisas não eram fáceis.



A pobreza, as ruas de lama e a violência eram apenas algumas das dificuldades que enfrentava na cidade. Aos 11 anos, mudou-se para uma cidade maior, Viana, onde sentiu que sua vocação era o futebol. Demorou para decidir como realizaria seu sonho, até que seu pai lhe ofereceu a oportunidade de vir ao Brasil para viver com ele. Daniel teve de deixar para trás seu país, seus parentes e amigos.

Para ele, tornar-se jogador no Brasil foi um dos motivos de sua mudança. “Os únicos jogadores angolanos que conheço jogam na França”. No Brasil, sua vinda foi considerada pela Polícia Federal como reunião familiar e, após completar 18 anos, permaneceu no país como refugiado. Consequentemente, não pôde voltar ao seu país natal.

Antes do futebol, ele sonhava em ser engenheiro, como muitas crianças angolanas. Hoje, está no Ensino Médio e estuda à noite na Vila da Penha. A maior parte das pessoas ao seu redor é de angolanos. Segundo ele, são como uma família. Em seu tempo livre, gosta de jogar em uma lan house perto de sua casa, na Maré.

E foi na Maré que ele encontrou espaço para colocar em prática seus talentos nos campos. Aos 17 anos, jogando por um time de angolanos da comunidade, disputou amistosos contra a seleção dos refugiados de Angola no Rio e sua habilidade foi notada pelo técnico da equipe adversária. Dois anos depois, foi convidado a participar da seleção três meses antes da Copa dos Refugiados, uma competição que conta com times de refugiados e imigrantes de diversos países que vivem no Brasil.

O treinador, Garcia Neto, conta que Daniel sempre se destacou nas partidas que disputava contra sua equipe: “É um bom menino, disciplinado. É versátil, joga em diversas posições”. Garcia foi um dos que iniciaram a equipe, em 1994. Dez anos depois, deixou de jogar e, desde então, é o comandante da seleção, que treina todo sábado à tarde no Aterro do Flamengo.

Nos treinos, conheceu o goleiro Arnaldo Kady, que classifica a relação como “irmandade”. Ele compartilha do mesmo sentimento que Daniel: “Esperamos a semana toda por esse sábado. Tentamos esquecer os problemas jogando, dançando, vendo a nossa cultura. A gente sente que tá em Angola”.

A comunidade angolana no Rio organiza, ainda, eventos com diversas atividades esportivas de modalidades femininas e masculinas. Daniel vê, nesses eventos, uma oportunidade de manter a memória de seu país viva entre os angolanos: “É uma forma de jogar em Angola sem estar em Angola”.

Após três meses de treino, a equipe de Angola chegou invicta à final da Rio Copa dos Refugiados, em um jogo contra o Chile, que foi decidido por penaltis. Foi uma grande vitória para Daniel. Com orgulho, desfilou pelo gramado do Estádio das Laranjeiras com sua medalha de campeão.

Sempre confiante, diz que estar ao lado de outros angolanos deixa-o confortável para fazer sua parte em campo e fora dele. Sente falta da cultura de seu país e espera conseguir a autorização para passar um tempo em Angola com sua família: “Sinto saudade de poder abraçar minha mãe, meus irmãos e todos os meus familiares, mas posso conversar com eles pela internet”.





Armário da vida

Roupas que vestem lembranças

*Por Bruno Negreiro, Gustavo Lindemayer,
João Victor Thomaz, J. Victor Santos,
Nestor Ahrends e Renata Itabaiana*

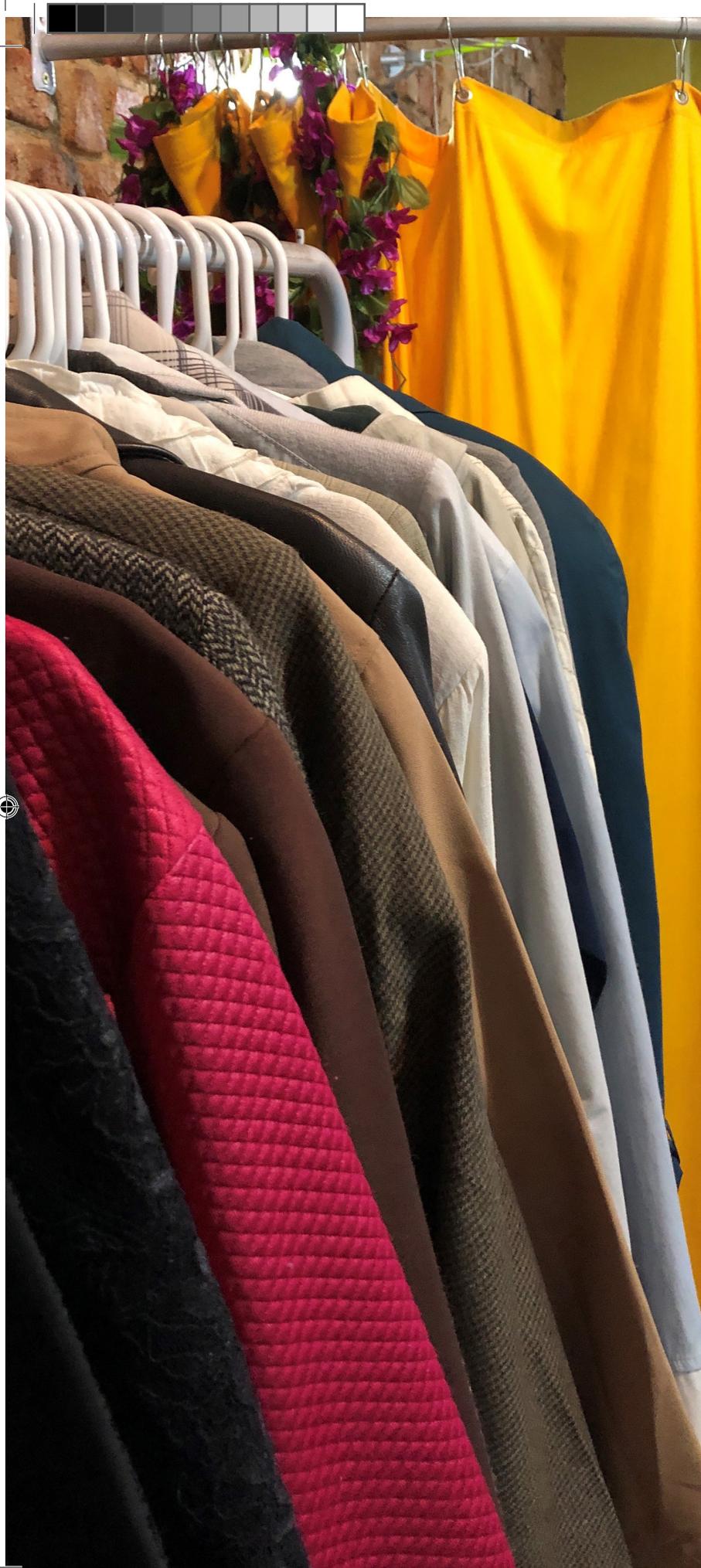
As peças penduradas nos cabides ou guardadas no fundo das gavetas são as linhas que costuram a relação entre a pessoa e a vestimenta. Com o passar dos anos, as roupas que vestimos modelam nossas histórias e costumes, eternizando memórias através do tecido e permitindo lembrar momentos daqueles que já se foram. Nos brechós, os panos estendidos se entrelaçam com o conceito de resignificação de memória. Quando escolhemos passar uma roupa adiante, descosturar o laço afetivo entre nós e nosso vestuário permite que essa peça reescreva uma nova narrativa sob o formato de um novo corpo.

Luciane Carine, dona do Brechó 21,
em frente ao muro do estabelecimento.
Foto: João Vitor Thomaz

A capacidade que um traje possui em resgatar a lembrança de pessoas que não mais se fazem presentes é evidenciada pelo sociólogo Peter Stallybrass, no texto “Roupas, memória e dor”, em seu livro “O Casaco de Marx”. O autor aborda que, após o falecimento de seu companheiro de longa data, uma das maneiras de homenageá-lo passava pelo uso de uma jaqueta de couro: “Se eu vestia a jaqueta, Allon me vestia. Ele estava lá nos puimentos do cotovelo, puimentos que no jargão técnico da costura são chamados de ‘memória’. Ele estava lá nas manchas que estavam na parte inferior da jaqueta; ele estava lá no cheiro das axilas. Acima de tudo, ele estava lá no cheiro”.

Situação semelhante a esta é vivida por Georgia Hamad, de 23 anos. Há pouco mais de um ano, as tardes de domingo da estudante de medicina já não são mais as mesmas. O lado esquerdo





do sofá, lugar cativo onde Prudente estendia a camisa de seu time do coração na véspera de cada jogo, agora se encontra vazio. E a camisa azul-celeste que costumava moldar seu corpo, hoje molda a saudade de sua filha. “Poder tocar, poder sentir a camisa do Cruzeiro em minhas mãos é uma forma de me conectar com ele, pois essa era uma de suas maiores paixões. Sinto como se parte dele estivesse aqui comigo”, desabafa Georgia.

Dentro da mesma casa, sua irmã gêmea, Giovanna, escolheu um caminho diferente para lidar com a dor da perda do pai. Ela optou por adormecer as recordações deixadas por ele: “Eu não lembro onde guardei as roupas do meu pai e, particularmente, acho melhor assim. É uma dor muito recente e que ainda não cicatrizou, por isso, prefiro não ver, para não sentir.”

No caso das duas irmãs, os bens deixados por Prudente permanecem entre as paredes de sua casa. Em outras situações, porém, há quem prefira encontrar um novo destino para essas peças carregadas de memória. Perfeitos para esse propósito são os brechós. De origem carioca, a palavra se inseriu

À esquerda: Araras de roupas que dão vida ao Brechó 21, na Tijuca, bairro carioca
Foto: João Vitor Thomaz
À direita: Flávia Rocha em sua barraca, em Madureira.
Foto: Bruno Negreiro



no diálogo popular, quando esses lugares se estruturaram em diversos bairros da capital fluminense, durante o século XIX. O termo se popularizou devido ao vendedor de artigos de segunda mão, Belchior.

Consolidados no Rio de Janeiro na década de 1970, esses espaços alternativos carregavam consigo um preconceito, sendo associados a roupas velhas e desgastadas. No decorrer dos anos,

porém, sua essência foi se modificando. *Por trás de cada fio entrelaçado, uma história foi sendo costurada.* Estes lugares trazem a reflexão sobre a bagagem emocional que uma peça leva consigo. Desta forma, são prova de como um objeto que possui um valor sentimental ultrapassa os limites de moda da época e carrega uma herança por trás de cada tecido produzido.





Barracas de brechó dispostas embaixo do viaduto de Madureira. Foto: Bruno Negreiro

FOCA RIO 19.2





No bairro da Tijuca, uma casa laranja colore o olhar dos que passam pela Rua Jurupari; trata-se do «Brechó 21». No interior, o amarelo reforça o sentimento de alegria, as araras de roupas traçam os caminhos pelos corredores e os cabides brancos conciliam com a claridade do ambiente. Luciane Carine é proprietária do estabelecimento e conta que, apesar de trabalhar com a ideia de desapego, existem peças de que ela mesma não se desfaz. “Eu comprei uma jaqueta na década de 80, com meu primeiro salário. Além de representar algo marcante, esteve comigo em muitas épocas da minha vida. Eu nunca vou me desfazer dela”.

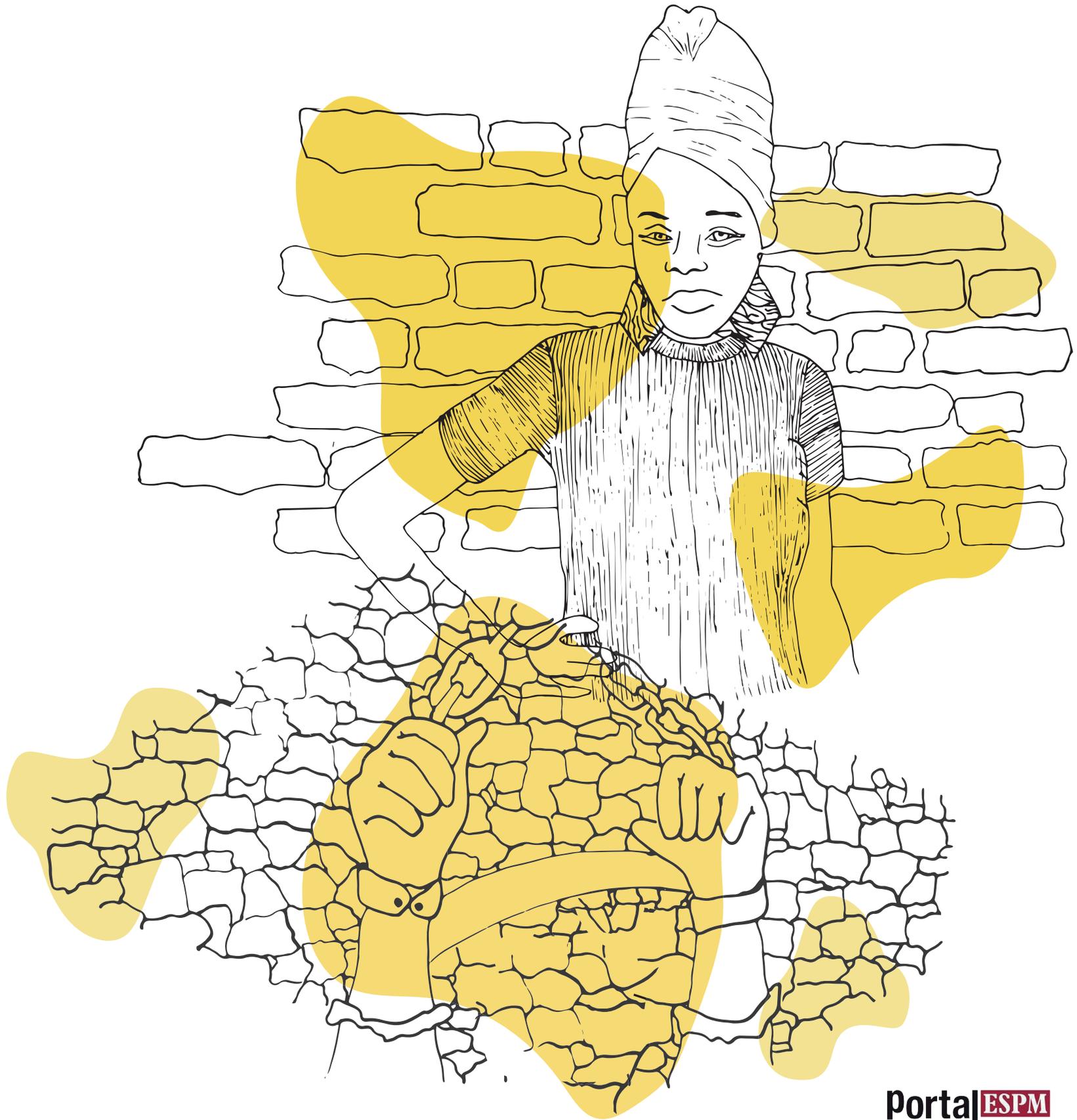
Patrícia Lacerda é quem partilha o cotidiano dessa mistura de emoções com Luciane. Consumidora e vendedora do brechó, ela relata suas experiências opostas. “Já estive do outro lado da moeda. Sei a dificuldade que as pessoas têm. Existem peças que carregam um valor sentimental”. Apesar de divorciada, Patrícia recorda da calça que usou no primeiro encontro com seu ex-marido: “Essas roupas têm uma importância na nossa vida. Foi meu primeiro beijo com ele. É parte da vida do meu filho, entende? Ali tem história para contar”.

Nem todos, porém, têm a possibilidade de continuar vestindo suas memórias. Num país desigual como o Brasil, é normal que em alguns casos a necessidade se sobreponha ao significado afetivo que uma roupa possa representar. “Vender no brechó foi a solução que eu encontrei para ajudar a minha família, hoje é a minha única fonte de renda”, diz a moradora de Madureira, Jeovana da Silva, de 48 anos.

A vendedora participa do projeto «Brecholeiras», idealizado por Flávia Rocha. O evento é predominantemente destinado às mulheres, e ela explica que lá as pessoas têm prioridades maiores do que a roupa estar na moda ou se existe algum significado associado a ela: “As pessoas vendem porque precisam, e compram o que é necessário”.

A distância de 18 quilômetros reflete a diferença social entre o « Brechó 21», na Tijuca, e o “Brecholeiras”, no centro de Madureira. Dispostas embaixo do Viaduto Negrão de Lima, as dezenas de barracas enfileiradas formam corredores estreitos, onde é quase impossível caminhar sem esbarrar em alguém. O movimento é intenso, a temperatura é elevada e o clima é de euforia. O barulho dos carros que circulam é quase que abafado pelas músicas que dão tom ao ambiente. A trilha sonora dança pela cultura negra, passando do hip-hop estadunidense ao rap nacional, com breves interrupções de um locutor, que anuncia os produtos e promoções de cada tenda.

As roupas que vestimos são personagens fundamentais em nossas histórias, são elas que traduzem sentimentos e personalidade. Podendo estar expostas ou guardadas, essas peças são o reflexo de memórias que escolhemos reviver ou deixar para trás. Seja por opção ou por necessidade, fica difícil desassociar o conceito de ressignificação de memória das roupas presentes nos brechós. Inevitavelmente, elas modelam nossos momentos vividos e preenchem o guarda-roupa de nossas vidas.



edição acessível a deficientes visuais

portal **ESPM**
jornalismo

